



A HISTÓRIA DA ÁFRICA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Anderson José Barbosa Santiago¹

Geize Jeane Gomes de Araújo²

Graziela Brito de Almeida³

José Glauco Teixeira Lins Filho⁴

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de relatar a prática desenvolvida por um estudante do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Católica de Pernambuco e estagiário da Fundação Fé e Alegria Pernambuco, no Curso Pré-vestibular. A atividade pedagógica em destaque foi o *aulão* de Ciências Humanas, por meio do qual os professores homenagearam, através de poemas, músicas e aula, a história da África e a cultura afro-brasileira. A proposta pedagógica buscou ressaltar a importância da referida temática e de como um educador pode apresentar o continente africano, desconstruindo preconceitos que impossibilitam os alunos de compreenderem a contribuição dos africanos trazidos para o Brasil para a formação da nossa cultura. Mais do que compreender a Lei N° 10.639, a qual tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, o educador deve entender que essa lei foi o resultado dos movimentos de luta dos negros em todo o país. Consideramos que fazer com que os alunos enxerguem a África por um ângulo sem discriminação é um desafio para o professor. Então, docente e discente devem ser estimulados a pesquisar juntos no sentido de integrar os múltiplos saberes sobre esse continente que ainda tem muito a ser (re)escrito.

Palavras-chave: Prática Docente, Ensino de História, Formação de Professores.

ABSTRACT

This study has the aim to report the practical experience developed by a student in the course Full Degree in History at the Catholic University of Pernambuco and trainee at Fundação Fé e Alegria, Pernambuco, in the pre-vestibular course. The pedagogical practice in focus was the class of Human Science, through which the teachers honored, by poems, music and class, the history of Africa and the African-Brazilian culture. The pedagogical proposal sought to emphasize the importance of this issue and how the educator presents the African continent, deconstructing prejudices that impossibilize the students to understand the contribution of the Africans brought to Brazil to the formation of our culture. More than understanding the Law N° 10.639, which made compulsory the teaching of History and African-Brazilian culture in schools, the educator must understand that this law was a result of fighting movements of blacks throughout the country. We consider making students see Africa in an angle without discrimination is a challenge to the teacher. So, teacher and students must be stimulated

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História da UNICAP, Fundação Fé e Alegria do Brasil-PE, anderson_jbs103@hotmail.com.

² Pós-Graduanda em Psicopedagogia da FAFIRE, Fundação Fé e Alegria Brasil-PE, geize.araujo@fealegria.org.br.

³ Doutoranda em Psicopedagogia da Universidad de Deusto, Fundação Fé e Alegria Brasil-PE e Universidade Católica de Pernambuco, graziela.almeida@fealegria.org.br.

⁴ Pós-Graduando em Gestão de Programas e Projetos Sociais da UNICAP, Fundação Fé e Alegria do Brasil-PE, glauco.filho@fealegria.org.br.



to search together in a way to integrate the multiple knowledge about this continent that still has much to be (re) written.

Keywords: Teaching Practice, Teaching History, Teacher Education

O ENSINO DA HISTÓRIA

A História não é uma disciplina fácil de aprender ou lecionar, mas dependendo da metodologia utilizada ela pode se tornar um mecanismo de investigação e uma matéria bastante prazerosa de estudo. Portanto, ela pode despertar a compreensão das diferentes culturas, credos e raças desenvolvendo valores humanistas e contribuir para a compreensão dos conhecimentos através da História.

O ensino tradicional da disciplina se preocupava com memorização de datas e nomes, que Freire (2010) considerou como educação bancária. Com isso, a matéria se tornava distante da realidade histórica da sociedade, e sem utilidade aparente transformando os conteúdos em assuntos chatos que limitavam o aprendizado do docente somente a livros antigos. Mas a História começou mudar, com o surgimento de novos fatores; como a expansão escolar, que trouxe um público culturalmente diversificado e estudantes que passaram a ter mais acessos as informações e a novas visões pedagógicas. Com esse novo paradigma os alunos começaram a ser considerados sujeitos ativos na construção do conhecimento, por isso, Freire (2010) coloca que: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (p.47).”

Desse modo, o desenvolvimento da consciência crítica, é algo que será atingido estabelecendo relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, construindo noções de diferenças e semelhanças e de continuidade e permanência.

ÁFRICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMPREENSÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA



Desde as séries iniciais aprendemos que o povo brasileiro é o resultado cultural de três povos. Sendo que apenas um é estudado desde sua base histórica, anterior a 1500, e dentro das representações históricas brasileiras, posterior a esta data.

A história brasileira apresenta produções bibliográficas construídas dentro do ponto de vista do colonizador. Consequentemente, temos uma história parcial, alienante e portadora de elementos preconceituosos e discriminatórios, causando dificuldades na compreensão de algumas temáticas da história, como a nomeação de cinco produtos de origem africana ou de cinco nomes de africanos que foram fundamentais para a história do Brasil. Portanto é preciso transformar e ampliar os pensamentos dos discentes que apresentam este tipo de dificuldade, pois, estudar a história africana é refletir sobre a história da população brasileira. No caso, Arnaut e Lopes (2005) coloca que “Ao pensarmos em uma história da África, estamos nos propondo a lidar com sociedades humanas na sua aventura de criação de cultura e transformação do mundo à sua volta, e certamente, isso não é um dado da natureza” (p.35). Essa atuação dos africanos na História do Brasil proporciona aos currículos escolares uma observação mais igualitária da História da Humanidade.

Considerando a ausência de informações sobre a História Africana está resultando numa deficiente visão da História do Brasil, pois Serrano e Waldman (2008) citam Costa e Silva (1994):

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar quando há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentido estético do brasileiro. Por sua vez, em toda a outra costa atlântica podem-se facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil. Danças, tradições, técnicas de trabalho, instrumentos de músicas, palavras e comportamentos sociais brasileiros insinuaram-se no dia-a-dia africano. É comum que lá se ignore que certo prato ou determinado costume veio do Brasil. Como, entre nós, esquecemos o quanto nossa vida impregnada de África. Na rua. Na praça. Na casa. Na cidade. No campo. O escravo ficou dentro de todos nós, qualquer que seja a nossa origem. Afinal, sem escravidão o Brasil não existiria como hoje é, não teria sequer ocupado os imensos espaços que os portugueses lhe desenharam. Com ou sem remorsos, a escravidão é o processo mais longo e mais importante de nossa história. (p. 15).

A IDEIA DE ÁFRICA E DE AFRICANO



Lopes e Arnaut (2005) destacaram “Uma referência muito comum a África, inclusive em livros, é a de ‘continente negro’. Aparentemente, este nome tem a vantagem de ir além da referência geográfica ao incluir seus habitantes, os negros”(p.12). Esse pensamento equivocado sobre a África, de que todos os habitantes são negros, se limita apenas a aparência física. Esquecemo-nos com frequência da multiplicidade (social, política, econômica e cultural) presente nesse vasto continente.

Os autores ressaltam que as interpretações preconceituosas sobre o continente africano já podem ser observadas nas cartografias medievais, sendo associado ao Bestiário. Onde se destaca a ideia de um continente selvagem, tribal e “vivendo longe da civilização”, tornando as pessoas mais alienadas e sem a possibilidade de conhecer uma história sem discriminação e exclusão. Mas o interessante está na diversidade e na riqueza que se esconde por trás de cada cultura africana, enfatizando suas diferenças entre os povos do norte (berberes e mouros) e os do sul, abaixo do Saara. Destacando que após os contatos com os povos dos outros continentes, especialmente os europeus, é que foi sendo construída a ideia de “africanos”, pois os habitantes do continente não se reconheciam como africano, devido as diversidades étnicas existentes.

O educador de forma geral precisa está preparado para desconstruir essas ideias, porém é necessário ter conhecimento e confiança ao ministrar suas aulas. Para que sejam desenvolvido seres críticos e autônomos capazes de refletir sobre a construção da história do seu país. Esse docente deve ser um enunciador do saber para esculpir cidadãos, portanto é preciso buscar o conhecimento, se atualizar, ler, respeitar os saberes dos alunos, pesquisar, questionar para poder repassar e construir conhecimento com seus discentes. “E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 2006, p.26)

A ÁFRICA QUE A ESCOLA NÃO ENSINA

Ensinar a História da África e a cultura afro-brasileira para um público numeroso e diversificado em pouco tempo é desafiador, pois envolver o aluno no assunto é encaminhar o

conhecimento desconstruindo a ideia limitada e distorcida que temos sobre o continente africano.

O docente precisa apresentar outros aspectos sobre o continente e fazer com que o aluno entenda outra maneira de construir essa história, percebendo que a história contada pelo colonizador também, é importante se ser analisada e interpretada para podermos observar outra versão histórica e tentar complementá-la ou desconstruí-la.

Na escola, esse professor de história ao ensinar a história do Brasil sempre fala sobre a participação da mão de obra africana na economia, ou seja, sempre trabalha o tema escravidão africana. Mas será que esse professor aborda as diferentes faces da escravidão nos períodos da história da humanidade? Mostrando para o aluno que a escravidão em outras épocas se dava por causa de guerras e dívidas e não por causa da pigmentação da pele, como foi caracterizada na escravidão moderna. Com as teorias racistas, os europeus justificavam o aprisionamento de milhares de africanos, fazendo com que aceitassem essa condição subumana. Como MATTOS (2009) descreve o trecho que o viajante Charles Brand (1820) relatou:

A primeira loja de carne em que entramos continha cerca de trezentas crianças, de ambas os sexos; o mais velho poderia ter doze ou treze anos e o mais novo, não mais de seis ou sete anos. Os coitadinhos estavam todos agachados em um imenso armazém, meninas de um lado, meninos do outro, para melhor inspeção dos compradores; tudo o que vestiam era um avental xadrez azul e branco amarrado na cintura; [...] O cheiro e o calor da sala eram muito opressivos e repugnantes. Tendo meu termômetro de bolso comigo, observei que atingia 33° C. Era então inverno [junho]; como eles passam a noite no verão, quando ficam fechados, não sei, pois nessa sala vivem e dormem, no chão, como gado em todos os aspectos. (p.102 e 103)

Essa realidade não é mostrada na mídia, através de filmes, histórias em quadrinhos, seriados de TV e nos romances; a África apresentada é de um continente misterioso e mágico, diferente da realidade contada pelos jornais, *internet* e televisão que mostram as epidemias, guerras civis, ditaduras, fomes e secas. Portanto, não se afirma que uma realidade desmente a outra, mas que ambas são incompletas.

Então, podemos afirmar que os africanos não são povos atrasados, pois há muito tempo dominam várias técnicas, construíram cidades impressionantes, chegando a ser comparadas com as européias, e sempre mantiveram contato com povos de diversos lugares devido ao desenvolvimento do comércio.



ENSINANDO HISTÓRIA DA ÁFRICA NO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA DO BRASIL-PE

FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA BRASIL PERNAMBUCO

Fé e Alegria é um Movimento de Educação Popular Integral e de Promoção Social cuja ação, impulsionada pela fé cristã, se dirige, de forma co-participativa, aos setores empobrecidos, principalmente crianças e jovens, privilegiando os grupos discriminados por razões étnicas, culturais, de gênero ou por necessidades especiais. Provoca o envolvimento de pessoas, grupos e instituições em torno do desafio de construir um projeto de transformação baseado nos valores de justiça, participação e solidariedade. Para Fé e Alegria, a educação é a estratégia fundamental para alcançar uma sociedade justa, fraterna e democrática.

A visão de Fé e Alegria é um mundo onde todas as pessoas possam desenvolver todas as suas capacidades, e viver com dignidade, construindo uma sociedade justa, participativa e solidária; um mundo onde todas as estruturas, em especial a igreja, estejam comprometidas com o ser humano, e a transformação das situações que geram a desigualdade, a pobreza e a exclusão.

CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA BR/PE

Esse curso tem com principal objetivo ampliar as condições de acessos a programas e a serviços socioassistenciais dos usuários, mediante processos de elevação da escolaridade e da formação profissional promovida por instituições de ensino superior, para potencializar o protagonismo e a autonomia dessas famílias e respectivas comunidades.

AULÃO: QUAL É O SEU SIGNIFICADO?

Esse encontro representa atividades socioducativas voltadas para a expansão do conhecimento dos usuários e convidados sobre os temas elencados, a partir da reflexão dos conteúdos propostos nos editais de seleção do ENEM e das principais universidades de



Pernambuco. Assim sendo, constitui a troca de saberes e vivências entre os participantes (usuários, educadores e convidados), apropriação de conceitos e a “abertura das portas” de uma instituição acadêmica as comunidades no entorno.

COMO ENSINAR A HISTÓRIA DA ÁFRICA NO AULÃO DA FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA BR/PE?

No dia 27 de Agosto de 2011, no Auditório do Bloco GII da Universidade Católica de Pernambuco, a Fundação Fé e Alegria – Pernambuco – promoveu uma aula, mais conhecida como Aulão das Ciências Humanas. Nesse aulão, os professores de história e filosofia juntos com a coordenação pedagógica organizaram o momento, onde pudéssemos homenagear a Cultura Afro-brasileira. Por isso, o evento teve sua abertura realizada pela professora de história, Surama Reis, que cantou músicas no ritmo do afoxé e na língua ioruba. Tornando esse momento fundamental para reconhecemos a contribuição cultural dos africanos trazidos ao Brasil como escravos desde o início da colonização. Portanto, os alunos do pré-vestibular e seus convidados puderam analisar o objetivo de homenagear a nossa cultura brasileira, enfatizando a herança deixada pelas várias etnias africanas que aqui chegaram a um Brasil escravocrata. Foi um momento de devoção, de canto e dança que contagiou a maioria dos docentes e discentes, pois nem todos foram conheciam a cultura afro-brasileira associada à religião de matriz africana. Essa é uma das muitas conseqüências, deixadas pela colonização portuguesa e que não conseguiu se desvincular completamente do nosso cotidiano e da nossa formação religiosa.

Esses momentos foram acompanhados por reflexões sobre os conhecimentos prévios dos alunos, quando se referiam a cultura afro-descendente e a respeito da importância do estudo da história africana e afro-brasileira

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA ENSINAR A HISTÓRIA DA ÁFRICA NO AULÃO DA FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA BR/PE



Ensinar é um processo transformador, sociocultural e sistematizado, por isso o planejamento das aulas de história é bastante desafiador, como apresenta Moran (2010) “No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática).” (p.12) para atingir essa compreensão foi feita uma seleção temática sobre a África, que despertasse a curiosidade e o interesse dos discentes.

Construir uma aula sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira e apresentar em pouco tempo também foi um desafio, mas o maior objetivo era desconstruir preconceitos e ideias que pudessem limitar o pensamento do estudante.

Neste aulão foram apresentados vários aspectos sobre o continente africano, destacando a imagem distorcida que sempre foi apresentada pelos colonizadores europeus, e mostrando a história da África sendo reescrita ou reapresentada com conteúdos que respeitam a diversidade cultura entre as etnias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi alcançado no momento em que houve uma reflexão sobre o principal problema encontrado no processo de ensino e aprendizado da História Africana que não é relativo à história e à sua complexidade, mas com relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação desinformada sobre a África. Estas informações de caráter racistas, produtoras de um imaginário pobre e preconceituoso, brutalmente erradas, extremamente alienantes e fortemente restritivas. Seu efeito é tão forte que as pessoas quando colocadas em frente a uma nova informação sobre a África tem dificuldade em articular novos raciocínios sobre a história deste continente, sobretudo de imaginar diferente do raciocínio habitual.

O elemento básico para Introdução à História Africana não está na história africana e sim na desconstrução e eliminação de alguns elementos básicos das ideologias racistas brasileiras. O cotidiano brasileiro é povoado de símbolos de negros selvagens e escravos amarrados, que processam e administram o escravismo mental e realizam a tarefa de feitores invisíveis a chicotear a menor rebeldia o imaginar diferente.



O docente tem a responsabilidade de desconstruir essa imaginação distorcida que limita o conhecimento dos seus discentes. Todos devem entender que a exclusão da História Africana é uma dentre as várias demonstrações do racismo brasileiro. Ela produz a eliminação simbólica do africano e da história nacional. Apresentar essas informações numa aula é importante para combater os preconceitos e as discriminações que sempre existiram.

REFERÊNCIAS

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória d'África: A temática africana em sala de aula.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira.** 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, Ana Monica; ARNAUT, Luiz. **História da África: uma introdução.** Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas – SP: Papyrus, 2000.



O Colóquio de História
Perspectivas Históricas
historiografia, pesquisa e patrimônio
16, 17, 18 de novembro de 2011

